



## AGENCIAMENTO E AUTORIA NA ESCRITA MEDIADA POR INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL: UM ESTUDO SOBRE A PLATAFORMA LETRUS NO ENSINO MÉDIO DO ESPÍRITO SANTO

TESSINARI DE ABREU, Adriana<sup>1</sup>  
BOMFANTE DOS SANTOS, Záira<sup>2</sup>

### Resumo

Na era da tecnologia digital, a expansão de plataformas educacionais baseadas em grandes modelos de linguagem (LLMs) tem influenciado a criação de novos territórios educacionais mediados pela presença da inteligência artificial, promovendo transformações significativas nos modos de ensinar e aprender. Diante dos desafios que emergem desse cenário, este artigo investiga as implicações do uso da inteligência artificial na produção textual de estudantes do Ensino Médio, tendo como objeto de análise a plataforma Letrus, implementada na rede estadual de ensino do Espírito Santo. A pesquisa, de abordagem qualitativa e participante, envolve análise documental de orientações institucionais e observação em sala de aula com estudantes da 3ª série, com o intuito de compreender como se configuram as práticas de escrita mediadas pela correção automatizada, problematizando a forma como a tecnologia intervém nos processos de planejamento, produção, revisão e reescrita. As discussões apontam para o agenciamento dos sujeitos produtores de conhecimento, reafirmando a centralidade da ação humana na formação de um saber crítico, consciente e situado da tecnologia.

**Palavras-chave:** Inteligência Artificial. Produção Textual. Letrus.

### Introdução

Nos últimos anos, testemunhamos o surgimento de uma virada histórica na relação entre humanos e tecnologia que trouxe mudanças nas formas de agenciamento dos significados. O que até pouco tempo atrás, era tarefa exclusiva do ser humano como produzir texto e criar significado, hoje com a chegada da Inteligência Artificial Generativa (IAG), as máquinas reproduzem de formas significativas tarefas de organização linguística e representações multimodais que geram textos aparentemente bem estruturados em questão de segundos.

<sup>1</sup> Aluna do Mestrado em Ensino na Educação Básica do Centro Universitário Norte do Espírito Santo. Universidade Federal do Espírito Santo. E-mail: [adrianatessinarideabreu@gmail.com](mailto:adrianatessinarideabreu@gmail.com)

<sup>2</sup> Professora do Programa de Pós-graduação em Ensino na Educação Básica do Centro Universitário Norte do Espírito Santo. Universidade Federal do Espírito Santo. E-mail: [zaira.santos@ufes.br](mailto:zaira.santos@ufes.br)





Mais do que qualquer outro avanço tecnológico, a IAG combina a linguagem artificial do código com a gramática natural do cotidiano, deslocando práticas humanas fundamentais. Esse movimento coloca em questão não apenas o futuro da leitura e da escrita, mas também a própria razão de ser da educação linguística. Se antes o ensino da leitura e da escrita se justificava pela sua utilidade social imediata, agora somos desafiados a ressignificar essa prática como um projeto de crescimento humano (Cope; kalantzis, 2025).

Nesse horizonte de transformação, a educação passa a se configurar em uma nova ecologia de aprendizagem (Bezerra; Farias; Sousa, 2024), na qual as tecnologias de IAG não apenas oferecem instrumentos de apoio, mas também reconfiguram os modos de ensinar e aprender. Dentre essas inovações, destacam-se as plataformas baseadas em grandes modelos de linguagem, como a Letrus<sup>3</sup>, que vêm sendo incorporadas ao ensino da escrita no Ensino Médio, especialmente em contextos de avaliação e correção automatizada de textos. Esse cenário de aprendizagem colaborativa entre máquina e humano desafia professores e estudantes a lidar com dinâmicas complexas: de um lado, amplia-se o acesso a *feedbacks* mais imediatos e oportunidades de reescrita; de outro, surgem reflexões relacionadas à autoria, ao agenciamento e à subjetividade dos sujeitos envolvidos.

Diante dessa realidade, a escola não poderia ficar isenta de alguns questionamentos na medida que reflete em como conciliar aprendizados da máquina e do ser humano. Dentre estes, podemos citar: De que modo a correção automatizada, baseada em parâmetros do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), influencia a autoria e a construção argumentativa dos textos? Em que medida o *feedback* gerado pela IAG favorece ou limita o agenciamento discursivo e a subjetivação<sup>4</sup> dos sujeitos aprendizes?

---

<sup>3</sup> Plataforma de tecnologia educacional utilizada pelas escolas da rede estadual do Espírito Santo como apoio pedagógico para a produção e correção de texto dissertativo-argumentativo em turmas de Ensino Médio.

<sup>4</sup> Subjetivação refere-se ao processo pelo qual os sujeitos constroem sentidos e se constituem como agentes nas práticas semióticas mediadas pela linguagem e pela tecnologia digital. Tal conceito, aparece de modo implícito ao discutirem o conceito de agência, entendido como a capacidade humana de produzir significados e agir sobre o mundo por meio de práticas semióticas. (Cope; Kalantzis, 2024, tradução nossa).





Essas inquietações fazem parte da problemática desta pesquisa, que se propõe a analisar a mediação da produção escrita pela plataforma Letrus, considerando as condições de produção, os movimentos dialógicos estabelecidos entre estudantes e a inteligência artificial, e as implicações pedagógicas decorrentes dessa interação.

Refletir sobre esses processos é fundamental, uma vez a linguagem humana é interpretativa e ativa, a aprendizagem é uma construção de sentidos e não apenas uma repetição de padrões, a escrita escolar não pode ser reduzida a um conjunto de respostas mecanizadas a critérios avaliativos (Cope; Kalantzis, 2024). Ao contrário, deve ser reconhecida como prática social, situada e dialógica, em que os sujeitos mobilizam repertórios culturais, linguísticos e multimodais para significar o mundo.

Esta pesquisa adota uma abordagem qualitativa e participante, fundamentada na observação direta e no contato com os sujeitos em seus contextos sociais. Busca-se, assim, compreender os processos de produção de sentido mediados pela Inteligência Artificial na escrita de textos dissertativo-argumentativos, considerando as interações que se estabelecem entre humanos e tecnologias no contexto escolar.

A investigação organiza-se em duas etapas complementares. A primeira, de natureza documental, consistirá na análise do design da plataforma Letrus, com base em seu site oficial, materiais institucionais e diretrizes pedagógicas elaboradas pela Secretaria de Educação do Espírito Santo. A partir desses dados, pretende-se mapear as condições de produção textual previstas pela ferramenta, examinando os recursos disponíveis, os critérios de avaliação, as formas de interação propostas e o alinhamento às orientações curriculares do componente de Língua Portuguesa. Essa análise permitirá identificar as concepções de escrita — estruturais ou interativas —, os movimentos multimodais e as práticas discursivas que orientam a mediação pedagógica no ambiente digital.

A segunda etapa, de caráter empírico, será desenvolvida no contexto da sala de aula, com estudantes da 3<sup>a</sup> série do Ensino Médio da rede pública estadual complementando a análise documental realizada na fase anterior. Será estruturada em três momentos metodológicos: apresentação da pesquisa e convite à participação, assegurando a adesão voluntária e o consentimento informado; observação das condições de produção textual mediada pela plataforma, considerando textos motivadores, correções automatizadas, critérios de avaliação e repertórios temáticos;





e elaboração de um Diário de experiências, mediado por *prompts*<sup>5</sup>, no qual os estudantes registrarão percepções, estratégias e escolhas autorais ao longo das produções textuais. Essa metodologia valoriza as vozes dos alunos como coautores do conhecimento e possibilita investigar os modos pelos quais autoria, agenciamento e sentidos se constroem no processo de escrita digital.

Nesse percurso, a investigação busca responder a questões organizadas em dois eixos principais:

- De que forma se manifesta o agenciamento do estudante e em que medida são valorizadas as práticas sociais mobilizadas para a produção do conhecimento;
- Como a escrita e a reescrita se configuram — se como um processo mecânico voltado ao atendimento de critérios avaliativos ou uma prática discursiva orgânica, apoiada pela mediação docente que incentiva criatividade, criticidade e aprendizagem ativa.

O embasamento teórico se dá através da Marcuschi (2008), Kalantzis e Cope (2024), Lévy (2010) e Sataella (2023) que discutem-se conceitos sobre texto, agenciamento, gramática multimodal e produção de sentido, problematizando a forma como a tecnologia intervém nos processos de autoria dos textos.

## 1 Letramentos em tempos de Inteligência Artificial Generativa (IAG)

A concepção de letramento adotada neste estudo ancora-se em uma perspectiva plural, ideológica e sociocultural, conforme defendida por Oliveira (2010), para quem o letramento deve ser compreendido como prática social múltipla, situada e atravessada por relações de poder, cultura e ideologia. Essa visão rompe com o modelo autônomo, que trata o letramento como um fenômeno neutro, homogêneo e universal, desvinculado das condições históricas e dos contextos de uso da linguagem.

Ao reconhecer que os letramentos são diversos, dinâmicos e marcados pelas experiências e identidades dos sujeitos, rejeita-se a ideia de um letramento único, centrado no indivíduo e descolado de seu mundo social. Nessa direção, assume-se o

<sup>5</sup> Prompt (textual prompt) é o texto escrito (instrução ou comando) por meio do qual a Inteligência Artificial Generativa (IAG) é programada e ao qual ela responde. (Kalantzis; Cope, 2025, tradução nossa).





letramento como um processo dialógico e transformador, que possibilita a participação crítica e a inclusão dos sujeitos em múltiplas práticas discursivas e culturais, em consonância com as demandas contemporâneas de leitura, escrita e significação.

Nesse contexto, a presença da Inteligência Artificial Generativa introduz novas ecologias de aprendizagem e exige que a escola repense suas práticas: não se trata apenas de ensinar técnicas de escrita, mas de formar sujeitos capazes de agir criticamente em ambientes digitais mediados por algoritmos.

Assim, o trabalho pedagógico precisa reconhecer a pluralidade das linguagens, fomentar autoria e agenciamento, e garantir que o sujeito permaneça no centro da produção de significados. Letrar em tempos de IAG não significa substituir o humano pelo algoritmo, mas potencializar sua atuação, de modo que a tecnologia funcione como aliada e não como definidora dos textos.

Com esse entendimento, torna-se necessário avançar para a análise de quem produz os sentidos quando a escrita passa a ser mediada por modelos generativos de linguagem. Se a tecnologia intervém no processo de produção textual, é preciso compreender como ela afeta a autoria e o agenciamento dos sujeitos, deslocamento temático que orienta a seção seguinte.

## **2 Autoria e agenciamento em contextos mediados pela Inteligência Artificial Gerativa (IAG)**

Na atualidade, o virtual reveste as formas de comunicação e informação de suporte digital. Nessa nova ecologia da comunicação, a cibercultura representa uma mutação da própria essência da cultura. Para Lévy (2010), sociólogo clássico da Cultura Digital, a formação humana é complexa, única e multifacetada, impregnada de saberes que se inspiram em necessidades individuais, coletivas e socioculturais. Ao compartilhar um estilo de vida tecnológico, somos influenciados a otimizar o tempo em espaços digitais, nos quais o sujeito deixa de ser apenas um receptor de informações para tornar-se coautor, responsável por produzir, selecionar e recombinar conteúdos.





Nesse horizonte, ao conceituar a gramática transposicional<sup>6</sup>, Cope e Kalantzis (2024) defendem que o sentido não é fixo nem estático, mas constantemente transformado e recriado em diferentes formas de significado - texto, imagem, som, corpo, entre outras. Esse processo, denominado transposição funcional, resulta na agência, pois o sujeito-autor atua ao projetar significados (design), transpor formas semióticas e transformar sentidos em novos contextos.

Nesse espaço híbrido de produção de conhecimentos, o texto escrito ou oral é compreendido não como uma simples manifestação linguística, mas um evento que ocorre na forma de linguagem inserida em contextos comunicativos, uma verdadeira (re)construção do mundo, na medida em que reordena e reconstrói sentidos Marcuschi (2008). Assim, as representações de conhecimento se manifestam de maneira ativa e transformadora nos diversos contextos sociais, de acordo com o interesse e a seleção do sujeito, materializando-se em variadas formas nos ambientes multimodais.

É justamente nesses ambientes multimodais que a inteligência artificial passa a atuar, gerando textos, imagens e outros artefatos a partir de padrões estatísticos derivados de *tokens*<sup>7</sup>. No entanto, como destacam Kalantzis e Cope (2024), sem uma compreensão semântica profunda ou uma teoria explícita do significado, não há agenciamento. Para os autores, ainda que as ferramentas gerativas possam colaborar na escrita, o papel do escritor não desaparece; ao contrário, exige uma atuação consciente na formulação de *prompts*, na análise e na validação das respostas produzidas, instaurando um novo tipo de agencia na construção do textual.

Mesmo assim, os limites dessas tecnologias tornam-se evidentes. Segundo os mesmos autores, tais sistemas desconsideram as dimensões funcionais e contextuais da linguagem, apoiando-se apenas em cálculos probabilísticos sobre a recorrência estatística dos tokens, sem levar em conta a intenção comunicativa nem as condições de produção do discurso. Nessa mesma direção, Santaella (2023) adverte:

Não se pode esperar que o computador leia um livro e entenda o que lê, pois isso seria projetar sobre ele o espelho do humano. Portanto, diferente da

<sup>6</sup> Gramática transposicional é a teoria que descreve os padrões compartilhados de significado (referência, agência, estrutura, contexto e interesse) e seus movimentos entre diferentes modos semióticos, como texto, imagem, som, corpo e espaço. (Cope; Kalantzis, 2024, tradução nossa).

<sup>7</sup> O token unidade mínima de texto reconhecida por um sistema de processamento de linguagem natural, podendo corresponder a uma palavra inteira ou a uma parte dela (Kalantzis; Cope, 2025, tradução nossa).





aprendizagem humana, a automação depende de um número muito grande de dados selecionados por humanos, bem como da análise de dados de treinamentos que se colocam igualmente sob a supervisão humana (Santaella, 2023, p.151).

Essa distinção é fundamental para compreender que, conforme explica Marcuschi (2008), o enunciado não se reduz à sua materialidade linguística nem à simples disposição de frases. Ele se concretiza no âmbito do funcionamento enunciativo, onde os significados circulam e só podem ser apreendidos em relação ao discurso, entendido como prática social e interacional produtora de efeitos de sentido. Sob essa ótica, o texto assume a condição de unidade de linguagem em ação, indissociável das práticas discursivas e socioculturais que o sustentam, configurando-se, portanto, como forma de comunicação que produz e recria significados.

## Considerações Finais

Diante das reflexões apresentadas, torna-se necessário repensar o desenvolvimento de uma educação linguística no espaço cibercultural, sustentada por uma relação de complementaridade entre humanos e máquinas. Nesse cenário, percebe-se que os *feedbacks* automatizados, embora contribuam para o aprimoramento da escrita, revelam limitações na compreensão do trabalho semiótico, do contexto comunicativo, das escolhas de design e da valorização da autoria nas interações mediadas por dispositivos digitais.

O desafio, portanto, é fazer com que essas ferramentas, ao mesmo tempo que potencializam a atuação docente e oferecem avaliações imediatas, sejam utilizadas como recursos de apoio à formação de sujeitos críticos, criativos e conscientes de seus papéis como autores e coautores do conhecimento e não como instrumentos de padronização e controle da escrita.

Desse modo, a pesquisa reafirma a centralidade da ação humana nos processos de criação textual e aponta para a urgência de construir práticas pedagógicas que integrem, de forma crítica, tecnologia, autoria e agenciamento. Nessa direção, destaca-se a relevância de promover a subjetivação e a construção de sentidos, favorecendo aprendizagens significativas em tempos de inteligência artificial.





## Referências

ANTUNES, Irandé. **Aula de português**: encontro & interação. 6. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

BEZERRA, Fábio Alexandre Silva; FARIA, Jaille Mayara Sousa de; SOUSA, Rafaela Carla Santos de. **Ecologias digitais de aprendizagem na era da Inteligência Artificial**: multimodalidade, multiletramentos, tecnologia e ética. Revista Linguagem em Foco, Fortaleza, v. 16, n. 2, p. 10-29, 2024. DOI: <https://doi.org/10.46230/lef.v16i2.13212>

COPE, Bill; KALANTZIS, Mary. **A multimodal grammar of artificial intelligence**: measuring the gains and losses in generative AI. Multimodality & Society, [s. l.], v. 4, n. 2, p. 123-152, 2024. DOI: <https://doi.org/10.1177/26349795231221699>.

COPE, Bill; KALANTZIS, Mary. **Literacy in the Time of Artificial Intelligence**. [S.I.]: Common Ground Research Networks, 2025. Disponível em: <https://cgscholar.com/bookstore/works/literacy-in-the-time-of-artificial-intelligence>. Acesso em: 2 set. 2025.

KRESS, Gunther; VAN LEEUWEN, Theo. **Reading images**: the grammar of visual design. 3. ed. London: Routledge, 2021.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Tradução de Carlos Irineu da Costa. 3. ed. São Paulo: Editora 34, 2010. 272 p. (Coleção TRANS).

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. 3. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

OLIVEIRA, Vera Lúcia Menezes de. **Manual de pesquisa em estudos linguísticos**. [S.I.]: Z-Library, 2019. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/605217779..> Acesso em: 6 ago. 2025.

SANTAELLA, Lucia. **A inteligência artificial é inteligente?** São Paulo: Almedina, 2023.

VAL, Maria da Graça Costa. **O desenvolvimento do conhecimento linguístico-discursivo**: o que se aprende quando se aprende a escrever? Veredas – Revista de Estudos Linguísticos, Juiz de Fora, v. 5, n. 1, p. 83-104, 2001.

